

A Escola Industrial de Natal (RN): uma análise do civismo a partir de fotografias (1945-1948)

The Escola Industrial De Natal (RN): an analysis of civism from photographs (1945-1948)

Eduardo Cristiano Hass da Silva¹
Rafael de Souza Pinheiro²

Resumo:

O estudo tem por objetivo analisar como diferentes atividades cívicas e militares permeiam o cotidiano da Escola Industrial de Natal, no Rio Grande do Norte, no período situado entre 1945-1948. Os documentos analisados referem-se a um conjunto de fotografias salvaguardado no Arquivo Geral do Instituto Federal do Rio Grande do Norte do Campus Natal/RN. Metodologicamente, recorreremos à análise fotográfica a partir dos Estudos Visuais, fundamentados em Maria Eliza Linhares Borges (2003) e Ana Maria Guash (2005). Como base na História Cultural, toma- conceitos de Roger Chartier (2002), Peter Burke (2005) e Sandra Pesavento (2008), inserindo-se na História da Educação, em Escolano Benito (2017) e Maria Stephanou e Maria Helena Câmara Bastos (2005). Como resultados, torna-se visível a presença de atividades cívicas em diferentes momentos da vida escolar, dando ênfase em momentos ligados ao civismo, desfiles e formaturas. Dessa forma, pode- se perceber que as simbologias empregadas dentro desse contexto, por meio do patriotismo, impõem e alteram padrões e comportamentos dos sujeitos.

Palavras-chave: História da Educação; Civismo; Cultura Visual; Escola Industrial de Natal

Abstract:

The study aims to analyze how different civic and military activities permeated the daily life of the Escola Industrial de Natal, in Rio Grande do Norte, in the period between 1945-1948. The analyzed documents refer to a set of photographs kept in the Arquivo Geral do Instituto Federal do Rio Grande do Norte of Campus Natal/RN. Methodologically, we resort to Visual Studies, based on Maria Eliza Linhares Borges (2003) and Ana Maria Guash (2005). The study is based on Cultural History, taking concepts from Roger Chartier (2002), Peter Burke (2005) and Sandra Pesavento (2008), inserting itself in the History of Education, using Escolano Benito (2017) and Maria Stephanou and Maria Helena Camara Bastos (2005). The results demonstrate the presence of civic activities in different moments of school life, with emphasis on moments related to civics, parades and graduations. In this way, it can be seen that the symbolologies used within this context, through patriotism, impose and change the subjects' patterns and behaviors.

Keywords: History of Education; Civism; Visual Culture; Escola Industrial de Natal

¹ Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor do Curso de Turismo da Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó (FELCS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-3906-5448>. E-mail: eduardo.hass@ufrn.br.

² Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Professor da Rede Pública de Ensino do Estado do Rio Grande do Sul. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4396-2651>. E-mail: rspinheiro@ucs.br

Introdução: panorama histórico da Escola Industrial de Natal

A fundação da Escola Industrial de Natal (EIN) se deu dentro do contexto de criação das chamadas Escolas de Aprendizes Artífices, estabelecida pelo Decreto Lei nº 7.566, de 23 de setembro de 1909 (BRASIL, 1909), assinado pelo então presidente da República, Nilo Peçanha. Composto por 18 artigos, o decreto estabelece a criação, nas capitais dos Estados da República, escolas, voltadas para o ensino profissional primário e gratuito. O decreto afirma que estas instituições são criadas, considerando-se:

Que o aumento constante da população das cidades exige que se facilite às classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existência;

Que para isso se torna necessário, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, como fazê-los adquirir hábitos de trabalho profícuo, que os afastará da ociosidade ignorante, escola do vício e do crime;

Que é um dos primeiros deveres do Governo da Republica formar cidadãos uteis á Nação (BRASIL, 1909, s.n. [sic.]).

Conforme podemos observar, tais instituições educativas foram criadas com a intenção de atender às classes proletárias, oferecendo uma formação de caráter técnico, a qual pudesse inserir os filhos dos “desfavorecidos de fortuna” no mercado de trabalho. Além disso, o decreto ressalta a função do Estado em formar cidadãos úteis à Nação, entendidos como aqueles que pudessem trabalhar para o seu desenvolvimento.

De acordo com o decreto, as Escolas de Aprendizes Artífices seriam mantidas pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, instaladas em prédios da União ou dos estados, cedidos permanentemente para este fim. Além disso, estabelecia que, dentre os objetivos de tais instituições educativas, estaria o de formar operários e contramestres, sendo o ensino ministrado de caráter prático, voltado para os conhecimentos técnicos necessários para os ofícios oferecidos.

O regime das Escolas de Aprendizes Artífices seria o de externato, funcionando das “10 horas da manhã às 4 horas da tarde” (BRASIL, 1909, s.n.[sic.]). O número de alunos de cada escola seria proporcional à capacidade física dos prédios em receber os “menores”, com idade entre 10 e 13 anos. O Decreto estabelecia ainda que, em cada instituição deveriam ser instaladas até cinco oficinas de trabalho mecânico ou manual, de acordo com as necessidades do estado sede.

Segundo Maria da Guia de Sousa Silva (2012), a instituição desta rede federal de escolas profissionais demonstra que a ideologia de um desenvolvimento baseado na industrialização do país acabou por converter-se em medidas educativas. Além disso, tais instituições demonstram

a percepção do Estado de que se deveria educar pelo trabalho os meninos que estavam à margem da sociedade, conforme apresentado anteriormente. A autora defende que, antes de se preocupar em atender às demandas do desenvolvimento industrial praticamente inexistente, tais instituições atendiam a uma finalidade moral de repressão, educar pelo trabalho e retirando das ruas os pobres e desvalidos:

Para o êxito dessa formação, as finalidades da Escola eram ampliadas no sentido de não apenas transmitir os conhecimentos básicos para a prática de um ofício, mas também a aquisição de hábitos de trabalho profícuo e o disciplinamento necessário para o cumprimento dos deveres estabelecidos nas diversas esferas da sociedade (SILVA, 2012, p. 33).

Neste contexto que foi instalada, em 1º de janeiro de 1910, a Escola de Aprendizes e Artífices de Natal, funcionando no prédio do antigo Hospital da Caridade³, na chamada Cidade Alta. Inicialmente, a escola contava com as oficinas de marcenaria, sapataria, alfaiataria, serralheria e funilaria, funcionando, conforme estabelecido em decreto, das 10 horas da manhã às 04 horas da tarde (PORTAL, 2009). Além das oficinas e trabalhos manuais ofertados durante o dia, à noite se desenvolvia atividades de leitura, escrita, desenho e contas.

De acordo com Wigna Lustosa, Nina Silva e Olivia Medeiros Neta (2018), assim como as demais Escolas de Aprendizes Artífices, a de Natal, também atendia a interesses de uma determinada classe, a dominante, que contava visava formar a sua mão de obra. Sendo assim, as autoras salientam o caráter disciplinar da instituição, observado na composição de normas e condutas a serem ensinadas.

Ao longo de sua existência, a Escola de Aprendizes Artífices passou por uma série de modificações. Em 1937, atendendo à legislação, tornou-se um Liceu Industrial. Em 1942, a partir da promulgação das Leis Orgânicas de Gustavo Capanema, os liceus passaram a se chamar de Escolas Industriais (LUSTOSA; SILVA; MEDEIROS NETA, 2018). Sendo assim, é sobre a Escola Industrial de Natal que nos debruçamos nesta investigação⁴.

Segundo Lustosa, Silva e Medeiros Neta (2018), a Escola Industrial de Natal contava com uma educação baseada nos pilares de formação militar e cívica, expressos em diversas atividades cotidianas, como nas disciplinas de Educação Física e Canto Orfeônico (canto coletivo), nos desfiles cívicos e nas Horas Cívicas.

³ O edifício do Hospital da Caridade Jovino Barreto, era situado na rua Presidente Passos no bairro Cidade Alta.

⁴ Após diversas transformações, a Escola Industrial de Natal se tornou o atual Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), campus Natal.

Com base nessa explanação, o estudo avança nas investigações já realizadas, centrando sua análise especificamente em elementos cívicos que caracterizam uma coleção de 50 fotografias, que englobam o período de 1945 a 1948.

1. Uma lente possível: aproximações teórico-metodológicas

De forma geral, o estudo se insere no campo da História da Educação e se fundamenta em teóricos da História Cultural. De acordo com as professoras e pesquisadoras Maria Stephanou e Maria Helena Camara Bastos (2005), a História da Educação pode ser compreendida como um campo de pesquisa fronteiro e multifacetado, o qual coloca em contato problemáticas e referenciais tanto da História quanto da Educação.

A partir dos pressupostos da História Cultural, as investigações em História da Educação passaram por um alargamento das temáticas e fontes mobilizadas. Dentre as diversas possibilidades, estão a História das Instituições Educativas, História das habilitações escolares e da cultura escolar. De forma geral, o presente trabalho dialoga com estas temáticas, fundamentadas nos pressupostos da História Cultural.

A História Cultural ganhou especial notoriedade na primeira metade do século XX, com a Escola dos *Annales*, responsável pela ampliação e renovação do campo da historiografia. Com a ampliação de temáticas e de fontes de pesquisa, ocorreu uma ruptura com a história tradicional, com a qual apenas os documentos oficiais se tornaram fontes históricas e, os grandes homens eram dignos de serem estudados. Com os *Analles*, emerge um novo fazer historiográfico, permitindo investigar o passado por meio de suas representações e diferentes manifestações. Com a História Cultural, busca-se a construção de narrativas possíveis do passado permeado por aspectos ou práticas sociais de um determinado período histórico.

Sandra Jatahy Pesavento (2008) discorre sobre História Cultural considerando que, a realidade do passado, por meio de suas representações, se apresenta em uma constante relação com significados de tempos passados. Sendo assim, as práticas humanas, por meio de suas atividades e experiências, são objetos de estudo da História Cultural. Dessa forma, entendemos que as práticas cívicas e militares, que perpassam uma determinada instituição educativa, podem ser mobilizadas como objeto de investigação.

Segundo Roger Chartier (2002, p. 16 e 17), a História Cultural tem como objetivo “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Partindo da ideia apresentada pelo autor, entendemos o processo investigativo como mecanismo para decifrar tais modos e espaços que se constituíram

em uma determinada temporalidade e espacialidade histórica, como a que tomamos neste estudo.

Arelado ao pensamento temporal e investigativo, Peter Burke (2005) apresenta que a História Cultural está imbricada pelos símbolos presentes na vida cotidiana. Símbolos estes, apresentados através de culturas, realidades e práticas. Para o autor a ideia de representação é um dos conceitos centrais da História Cultural. O processo investigativo de interligações das atividades humanas, práticas e culturas são construções da História Cultural.

Considerando a problemática apresentada, recorreremos aos Estudos Visuais para a análise das fotografias⁵. Segundo Ana Maria Guash (2005), os Estudos Visuais podem ser compreendidos como um híbrido interdisciplinar, o qual desafia o caráter disciplinar da História da Arte. Para a autora, os Estudos Visuais permitiram um novo estatuto da visualidade, sendo que o conceito passa a comportar imagens fílmicas, televisivas, artísticas e virtuais, permitindo profundos diálogos entre texto e imagem.

De forma geral, a Cultura Visual não se limita apenas à interpretação das imagens, mas considera também a descrição e análise do campo social do olhar. O novo estatuto da visualidade e a importância do campo social do olhar permitem um deslocamento do campo da História para o da Cultura, resultando em um campo interdisciplinar de investigação (GUASH, 2005). É dentro deste novo estatuto da visualidade, que considera o campo social do olhar e desloca o eixo de análise da História para a Cultura que compreendemos as imagens fotográficas.

Segundo Maria Eliza Linhares Borges (2003, p. 37), “ao longo dos séculos, as diferentes sociedades têm criado distintas formas de produzir, olhar, conceber, dialogar e utilizar suas produções imagéticas”. As fotografias podem ser entendidas como um dos diversos suportes nos quais as imagens produzidas pelas diferentes sociedades circularam.

Nesta investigação, as fotografias serão mobilizadas a partir da problemática do civismo⁶ que, conforme destacamos anteriormente, abrange elementos ligados ao patriotismo, ao culto, às gestualidades e disposições de corpos, respeito e enaltecimento de símbolos nacionais, reverberando o “amor à pátria”. Segundo José Silvério Baia Horta (2012), a prática

⁵ As fotografias registram a passagem humana em um determinado tempo e contexto histórico, como forma de vestígios produzidos de uma sociedade. A fotografia/ imagem visual é um documento que merece atenção e cuidado como qualquer outra fonte histórica.

⁶ Civismo que compunha o título e os subtítulos da respectiva escrita abrange em sua totalidade conceitos ligados ao patriotismo, ao culto, às gestualidades e disposições de corpos, respeito e enaltecimento de símbolos nacionais, reverberando o “amor a pátria”, tendo a prática dos homens responsável por tal ação. O civismo instituído dentro do espaço escolar se apresenta condicionado pela instrução e a política vigente. A escola, da e para a República.

do civismo visava formar uma consciência e um espírito patriótico e também ligado à formação e ao dever militar. De várias maneiras o civismo poderia ser introduzido nas instituições de ensino, que de acordo com Vieira (2012, p. 327) poderia ser “por um conjunto de dados e informações que permitam ao aluno conhecer as estruturas do Estado-nação (a constituição, direitos e deveres, noções e definições de pátria, patriotismo, soberania nacional etc.)”.

Conforme destacamos anteriormente, as fontes analisadas consistem em uma coleção de 50 fotografias, das quais selecionamos uma série de 18 unidades, que evidenciam elementos cívicos. As fotografias estão salvas no Arquivo Geral do Campus Natal Central do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), localizado no Bairro Tirol, em Natal/RN⁷. Parte das imagens foi fotografada pelos autores e, outra parte, cedida pelo próprio Arquivo⁸. De forma geral, a coleção fotográfica encontra-se sistematizada no quadro a seguir:

QUADRO 1 – Coleção fotográfica da Escola Industrial de Natal.

Álbuns	Fotografias
Formatura Escola Industrial de Natal	11
Fotos Desfiles Cívicos Escola Industrial	14
Fotos Alunos década de 1940	8
Fotos Conclusão de Cursos	11
Diversas	6
Total	50

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

De acordo com o Quadro 1, é possível afirmar que as fotografias encontram-se divididas em quatro álbuns, sendo eles “Formatura Escola Industrial de Natal”, “Fotos Desfiles Cívicos Escola Industrial”, “Fotos Alunos década de 1940” e “Fotos Conclusão de Cursos”, bem como seis fotos diversas, salvas em um envelope geral. Todas as fotografias referem-se ao período de 1945-1948, o qual foi tomado como baliza cronológica do estudo. As imagens selecionadas são oriundas dos diferentes álbuns.

2. Elementos cívicos na Escola Industrial de Natal (1945-1948): uma análise possível a partir de fotografias

As análises realizadas corroboram com os apontamentos de Lustosa, Silva e Medeiros Neta (2018) em relação à educação baseada nos pilares de formação militar e cívica ministrada

⁷ Para saber mais sobre o Arquivo Geral, ver: <https://www.flickr.com/people/arquivocampusnatalcentral/>.

⁸ Tornamos público o agradecimento aos servidores do Arquivo Geral do IFRN campus Natal, em especial à servidora Arilene Lucena, que foi incansável em fornecer-nos as fotografias.

na Escola Industrial. A partir das fotografias, podem-se identificar elementos cívicos em diferentes momentos do cotidiano escolar, em diversas atividades, como na Hora Cívica, desfiles cívicos, datas comemorativas e no encerramento dos cursos. Uma vez que as comemorações das formaturas dos cursos foram momentos pouco explorados nas pesquisas já citadas, estas atividades receberam maior atenção dos pesquisadores, avançando na produção do conhecimento histórico da instituição escolar.

De forma geral, considerando os referenciais teóricos empregados, entendemos que as análises apresentadas permitem a elaboração de uma narrativa possível sobre como a realidade social investigada foi pensada e construída (CHARTIER, 2002). As fotografias, entendidas como fontes, serão analisadas, tensionadas e relacionadas aos referenciais citados.

Desde os anos 1920, a educação foi um dos setores da sociedade, que teve grande inserção dos ideais republicanos. Segundo Marta Carvalho (2003), o pensamento político estava atrelado à ideia de uma formação com anseios da Ordem e do Progresso. De acordo com José Silvério Baia Horta (2012, p. 157), com o advento do Estado Novo (1937-1945), a escola passou a ser utilizada “como um aparelho ideológico a serviço do Estado”. O sistema educacional republicano se condicionava assim, com uma formação interligada ao nacionalismo e ao civismo⁹.

Em relação à Hora Cívica, é entendida como momento de ordenamento e formação dos corpos para enaltecer símbolos em datas pré-estabelecidas nos calendários escolares. Os rituais que se fazem presentes neste contexto estão atrelados ao civismo, através das gestualidades, cânticos (hinos), exercícios físicos, desfiles, hasteamento da bandeira e outros.

A postura em relação aos símbolos nacionais se transforma em momentos de respeito. Segundo José Murilo de Carvalho (1998, p. 109) os símbolos republicanos estavam ligados à bandeira e ao hino, sendo estes “os símbolos nacionais mais evidentes, de uso quase obrigatórios” nos momentos da vida escolar. A hora cívica e seu conjunto de ritualidades tornam-se características dos ideais nacionalistas, que marcaram a sociedade brasileira.

Os condicionantes, apresentados anteriormente como civismo, militarização, ordenamento, corpos e símbolos são mecanismos que constroem e marcam as culturas escolares. Justino Magalhães (2004, p. 68) entende que “a cultura escolar, suas bases normativas, culturais, organizacionais, metodológicas, relacionais, constituem uma cultura”. A

⁹ Em relação à política de Nacionalização do governo de Getúlio Vargas, é importante destacar que elas não foram simplesmente implementadas nas escolas, uma vez que essas são instituições ativas, que também criam ao atuarem as políticas educativas. Nesse processo ativo, Milene Moraes de Figueiredo (2017) destaca que, além de aderirem ao processo de nacionalização, as instituições educativas também mobilizaram estratégias de resistência.

organização das instituições de ensino atreladas às relações humanas se transforma em marcas da cultura escolar.

Considerando Stephanou e Bastos (2005), a hora cívica pode ser entendida como parte da cultura escolar da Escola Industrial de Natal, sendo um momento de civismo e também de controle/domesticação dos corpos dos alunos, conforme se apresenta na Imagem 01:

IMAGEM 1 – Hora Cívica (07 de setembro de 1947).



Fonte: Álbum Formatura Escola Industrial de Natal

Podemos observar que a imagem 01 consiste em uma fotografia posada, na qual os corpos dos alunos foram disponibilizados no espaço e organizados a partir da disposição da câmera que registrou este momento. O centro da fotografia é ocupado por um grupo de 09 alunos, disponibilizados de forma a compor uma ideia de perspectiva¹⁰.

A partir das proposições de Guash (2005), é importante entendermos a fotografia como situada em um tempo e em um espaço, no qual elementos da cultura da instituição a qual pertencem emergem, sendo capturados e analisados pelo olhar do pesquisador. Sendo assim, observamos que os alunos estão uniformizados, todos de branco, com as camisas colocadas para dentro de suas calças. Além disso, podemos observar que todos os alunos se encontram com os corpos eretos, com o peito levemente impulsionado para frente. Esta postura demonstra uma preocupação com a forma com a qual estes sujeitos seriam registrados.

Ao fundo do grupo de alunos, observa-se um prédio, provavelmente o da Escola Industrial. Pode-se observar que o cenário foi, provavelmente, elaborado para o registro, servindo como uma forma de perenizar tal momento. Considerando as proposições de Chartier

¹⁰ As fotografias da EIN sugerem a predominância de sujeitos homens, oriundos de diferentes grupos étnicos. Apesar de entendermos a importância desses elementos para a compreensão da história da instituição analisada, o trabalho não mobiliza as categorias de análise gênero ou relações étnico-raciais. Dessa forma, apontamos a necessidade de continuidade da pesquisa, a qual poderá avançar a partir destas temáticas.

(2002), podemos observar a tentativa de construção de uma realidade social, que é pensada a partir de elementos da cultura escolar da EIN e do Civismo.

Nesta composição, observamos como os corpos dos alunos eram moldados para tais momentos, que exigiam postura e comportamento específico. A Hora Cívica parece ter significativa importância, envolvendo a instituição em diferentes momentos: como em aberturas de eventos, rituais festivos, encerramentos de cursos, desfiles e outros. De acordo com Marta Maria Chagas de Carvalho (2003), o momento festivo se entrelaça através da observação e da representação dos rituais ali apresentados, para serem imitados e/ou gravados. A Hora Cívica se torna momento onde a comunidade, perpassa os muros das instituições de ensino, ela participa das atividades/festividades, conforme podemos identificar na imagem a seguir.

IMAGEM 2 – Dia de Festa – Inauguração da Hora Cívica (Década de 1940).



Fonte: Fotos Desfiles Cívicos Escola Industrial.

Na Imagem 02, podemos observar que, além dos alunos, a Hora Cívica poderia mobilizar diferentes sujeitos do universo escolar ou até mesmo externos à Escola Industrial. Diferentemente da fotografia anterior, na qual os alunos ocupavam o centro, esta imagem apresenta aproximadamente 30 adultos. As informações disponíveis na fotografia não permitem afirmar quem seriam estes sujeitos, porém, percebe-se que existe uma nítida diferenciação em relação ao gênero na composição da imagem.

Consistindo em uma foto pousada, observa-se que os homens foram disponibilizados ao lado esquerdo da imagem e as mulheres ao lado direito. Os homens encontram-se trajados de terno e gravata, enquanto as mulheres estão todas de vestido. Estes elementos apontam para distinções de gênero que se expressam na forma de agir e vestir. No centro visual da imagem

encontra-se um objeto que lembra uma mesa, atrás da qual estão três homens¹¹. É possível que os três sujeitos atrás da mesa sejam autoridades da escola ou personalidades de destaque para o momento. Ao fundo homens e mulheres cuidadosamente distribuídos pelo espaço, encontra-se a parede de um prédio, possivelmente da Escola Industrial de Natal.

Enquanto as imagens até o momento analisadas apresentam alguns indícios a respeito da presença de elementos cívicos na vida escolar, as fotografias dos desfiles cívicos são repletas de elementos que permitem refletir sobre o civismo na vida escolar:

IMAGEM 3 – Desfile Cívico (1945).



Fonte: Fotos Desfiles Cívicos Escola Industrial.

A Imagem 03 consiste em uma fotografia do Desfile Cívico de 1945. A análise da imagem permite identificar diferentes elementos a respeito do civismo. Inicialmente, destaca-se que os alunos se encontram organizados no espaço, distribuídos em linhas e colunas, todos uniformizados. O uniforme consiste em calça e blazer, cinto e sapatos pretos, gravata escura e um quepe (chapéu).

Outro acessório que se faz presente nas vestimentas está nas distinções das cores presentes nas luvas. Ao centro da imagem se observa um aluno segurando a Bandeira Nacional, usando luvas da cor branca e o mastro disposto com adereços diversos. Os demais sujeitos se

¹¹ É possível que algum destes sujeitos seja o diretor da Escola, Jeremias Pinheiro que, de acordo com Lustosa, Silva e Medeiros Neta (2018), ocupou este cargo de gestão entre os anos de 1939 e 1954. Ao longo de sua gestão, foi criado o chamado Corpo de Vigilantes, composto por nove alunos e que tinham como função, dentre outras atividades, controlar e vigiar o uso do fardamento dos estudantes.

apresentam usando luvas na cor preta. Ao fundo da primeira fileira, estão dispostas outras Bandeiras Nacionais.

A presença desses elementos cívicos nos diferentes momentos da instituição nos permite pensar que, de alguma forma, estavam atrelados à Cultura Escolar (STEPHANOU, BASTOS, 2005). A Bandeira Nacional, por exemplo, parece ter exercido um papel central dentro das práticas escolares voltadas para o civismo, conforme podemos observar na imagem a seguir:

IMAGEM 4 – Dia da Bandeira (1948).



Fonte: Fotos Desfiles Cívicos Escola Industrial.

A Imagem 04 aponta para algumas questões interessantes. Inicialmente, destaca-se que, dentre as atividades e festividades realizadas na EIN, estava o Dia da Bandeira. Com a instauração do Estado Novo em 1937, o dia da Bandeira e outras datas e ritos se constituíram dentro das instituições educativas como forma de enaltecimento e legitimação do novo regime. Segundo Lúcia Lippi Oliveira (1989), a construção de hinos, bandeiras, imagens e símbolos marcam a personalidade e a identidade de um povo.

Essas construções ao longo da história são características do enaltecimento de datas, como por exemplo, a festividade de 21 de abril (Tiradentes), 07 de setembro (Independência do Brasil), 15 de novembro (Proclamação da República) e 19 de novembro (Dia da Bandeira), sendo datas marcantes da República, que se apresentam por meio de preleções, festividades e homenagens aos grandes homens nacionais.

O dia da Bandeira não se tornava diferente, pois se condicionava por meio de rituais, através do hasteamento, tendo a presença de diferentes sujeitos, autoridades e convidados, além

dos estudantes e professores. Os elementos que constituem a Bandeira Nacional merecem destaque e são oportunos dentro desta análise: as cores (verde e amarelo), as estrelas, o Cruzeiro do Sul, figuras geométricas (esfera e losango) e o lema positivista “Ordem” e “Progresso” ao centro. O verde ao fundo e o losango em amarelo são remanescentes do Período Imperial. Já a esfera em azul ao centro, segundo Joseph Jurt (2012), significa uma transição temporal entre passado e presente.

Na imagem, podemos observar ao centro um aluno uniformizado carregando a bandeira. Além do grupo de alunos, a imagem apresenta diversos sujeitos adultos e uma figura feminina, sendo a única, usando vestido. Percebe-se que todos os olhares estão voltados para o centro, onde está presente a Bandeira Nacional. Voltar-se com os olhos para a Bandeira se torna sinal de respeito ao símbolo Nacional.

Outro elemento atrelado ao civismo e que, possivelmente perpassa estes desfiles é o canto orfeônico. Segundo Horta (2012), a utilização do canto está ligada ao sentimento patriótico, envolvendo hinos e canções. Para o autor, a música tendo a participação de Villa-Lobos¹², foi um dos instrumentos utilizados para difusão dos ideais do Estado Novo. Sendo assim é possível compreender que, enquanto Vargas estava ligado a assuntos políticos, Villa-Lobos utilizava a música como difusora e disciplinadora do regime. O canto orfeônico marcava as instituições em meio às festividades cívicas, sendo este, um momento de efervescência dos ideais do regime, marcando assim a cultura escolar.

3. Encerramentos dos cursos da Escola Industrial de Natal: indícios do civismo a partir da cultura visual

Conforme apontamos até o momento, elementos de civismo perpassam o universo da Escola Industrial de Natal, em momentos como hora cívica e desfiles cívicos. Além destes, identificamos nas comemorações de encerramento dos cursos da instituição indícios que reforçam a preocupação cívica, bem como com o controle dos corpos dos alunos.

De acordo com Rosa Fátima de Souza (1998, p. 256), “a festa era uma oportunidade de homenagear o governo republicano e a pátria”. Era o momento no qual se enaltece os símbolos nacionais como as bandeiras e os hinos e também de rememorar e cultuar os grandes homens. A solenidade de encerramento contava com a participação da comunidade, da família e

¹² Heitor Villa-Lobos foi um importante maestro e compositor brasileiro. Com o Estado Novo, tornou-se Secretário de Educação Musical. Para saber mais, ver Horta (2012).

parentes. As bandas marciais, convidados e autoridades também faziam parte das ritualidades festivas.

IMAGEM 5 – Encerramento do curso de marcenaria (1945).



Fonte: Fotos Desfiles Cívicos Escola Industrial.

A fotografia 05 consiste em um registro das atividades de encerramento do curso de marcenaria da EIN. Mais uma vez, como anteriormente destacamos, os alunos encontram-se distribuídos no espaço de forma cuidadosamente organizada, com vestimentas e corpos eretos. Com poucas exceções, os alunos se encontram com as mãos ao longo do corpo, remetendo a uma postura militar ou para atividades como cantar o Hino Nacional.

No primeiro plano da fotografia está uma linha composta por quatro alunos, sendo que, os dois centrais, trazem consigo bandeiras. Da esquerda para a direita, a primeira bandeira possivelmente seja a Bandeira do Brasil, a qual já havia sido observada em momentos anteriores. A segunda bandeira, embora não seja possível identificá-la, é possível que se trate da bandeira do Estado ou da Escola. Mais uma vez, ao fundo dos corpos fotografados, encontra-se o prédio da instituição.

Além da bandeira, o Hino Nacional parece ter sido um elemento central nas comemorações de encerramento dos cursos da EIN. A Imagem 05 sugere, tanto em sua legenda quanto na imagem capturada a disposição dos alunos para o momento em que o Hino é cantado, conforme podemos observar na figura a seguir. Em três laterais da imagem, é possível observar os alunos, todos uniformizados e se apresentam com conotação de igualdade. A disposição dos corpos com braços rentes ao corpo, corpos eretos e a organização ou/e ordenamento de fileiras como sinônimos de respeito aos símbolos nacionais. Na lateral esquerda da imagem, a figura feminina se faz presente, com saia até os joelhos e camisa branca. No primeiro plano é possível

observar diferentes sujeitos, entre eles homens de diferentes idades e também a presença da figura feminina.

IMAGEM 6 - Encerramento do curso de marcenaria (Hino Nacional – 1945).



Fonte: Fotos Desfiles Cívicos Escola Industrial.

Ao fundo da imagem se observa uma espécie de “depósito” das aulas de educação física. Os rituais cívicos se desenvolviam na quadra de esporte das instituições, pois se percebe a existência de uma cesta de basquetebol e traços/demarcações no chão.

Como descrito acima, o ritual acerca da festividade de encerramento do ano letivo, fazia com que a comunidade, amigos, parentes, vizinhos, conhecidos e convidados políticos e personalidades apreciassem o espetáculo ritualístico que se fazia presente nas celebrações. O ritual de encerramento se torna assim, uma grande festividade, sendo considerado um verdadeiro espetáculo público.

Desta forma, os rituais se apresentam como mecanismos de domesticação e controle de corpos. As diversas simbologias que se fazem presentes nas ritualizações escolares e também com os uniformes que foram apresentados nas fotografias se transformam, segundo os autores Ivanir Ribeiro e Vera Lúcia Gaspar da Silva (2012, p. 578), em “componentes de controle dos corpos, seja como estratégias de visibilidade a projetos institucionais e governamentais”. De acordo com Rosa Fátima de Souza (1998) é, sobretudo no encerramento dos cursos que identificamos a presença mais marcante de elementos cívicos e de ritualizações patrióticas.

Dentre estes gestos, rituais e distinção de vestimentas, podemos identificar a presença de elementos que remetem à presença militar na instituição. Ainda em relação ao encerramento do curso de Marcenaria de 1945, o olhar do fotógrafo captou a cena apresentada na Imagem 07:

IMAGEM 07 - encerramento do curso de marcenaria 1945.**Fonte:** Fotos Desfiles Cívicos Escola Industrial

Na Imagem, observamos os alunos devidamente fardados, com a bandeira do Brasil, com os corpos eretos, disponibilizados de forma sistematizada no espaço. Na frente dos alunos, próximo ao centro visual da fotografia, encontra-se um militar, o qual faz continência para o grupo de alunos. Este gesto sugere que as questões cívicas eram abordadas de forma relacionada a elementos militares.

Além dos alunos e da figura militar, a fotografia apresenta ainda três sujeitos adultos, sendo um homem e duas mulheres. O homem encontra-se de terno, enquanto as mulheres vestem vestido, remetendo aos contrastes entre sujeitos masculinos e femininos, apontados na Imagem 2. Além do gesto militar, o centro geométrico da imagem apresenta, em segundo plano, outros elementos importantes.

Ao fundo, podemos observar que três alunos trazem consigo instrumentos musicais, tambores. Desta forma, é possível aferir que, dentro do ritual de formatura, além da presença do hino nacional, cantos específicos, postura e vestimentas adequados, Bandeira Nacional e gestos militares, também compunham a Banda Escolar. A banda não estava presente apenas no ritual de formatura, mas também em outros momentos da vida escolar.

Considerações Finais

Com o advento da República, os ideais republicanos e positivistas permeiam a sociedade brasileira em diferentes segmentos e, em especial, os espaços escolares, os quais se tornaram um difusor das ideologias políticas que vigoravam no país. Durante a Era Vargas (1930-1945), observa-se a tentativa de inculcar nos alunos (as) brasileiros (as) um conjunto de

valores responsáveis por criar e legitimar uma identidade nacional. Esses valores materializam-se em diversas atividades cotidianas e simbologias que marcam o universo e o espaço escolar.

A partir da mobilização dos referenciais teóricos da História Cultural, a História da Educação se apresenta como manancial exploratório de um espaço/tempo, no qual podemos identificar e analisar as atividades cívicas e militares presentes na Escola Industrial de Natal. As práticas, sujeitos, ritualidades, festividades, comunidade ao entorno e arquitetura escolar podem ser analisadas a partir de fontes visuais e o contexto histórico em que foram produzidos/registrados.

As fotografias analisadas demonstraram a presença de símbolos (Bandeira do Brasil), práticas (Hino Nacional, canto orfeônico) e sujeitos (estudantes e militares) que estavam atrelados à construção de uma imagem de nação brasileira, pautada em ideias cívicas e militares, pela disciplina e ordenamento de corpos. A partir dos rituais que perpassam os diferentes momentos da instituição escolar, identificamos o enaltecimento de valores políticos pensados e enaltecidos pelo governo Vargas e que se perpetuaram ao longo da década de 1940.

Em relação aos momentos nos quais estas atividades eram realizadas, identificamos ritualizações cívicas como a Semana da Bandeira, encerramento do ano letivo, formaturas e desfiles cívicos. Além dos símbolos, práticas e sujeitos, os momentos cívicos se caracterizam pelo ordenamento de corpos, o qual se materializa na divisão por sexo, no uso do uniforme por parte dos alunos e, de roupas específicas pelos demais sujeitos, posturas que remetem à docilidade, ao respeito e à obediência.

Como resultado das análises, identificamos que o civismo foi difundido dentro das instituições educativas, e em diferentes momentos da vida escolar, com formas e modelos atrelados pelas ritualizações que tinham como objetivo homenagear e enaltecer os símbolos nacionais e os grandes homens, que são marcas do contexto político.

Dessa forma, entendemos contribuir para a reflexão e avanço da produção científica em História da Educação, bem como para a reflexão sobre problemáticas que reverberam nos dias atuais.

Referências

ARQUIVO Geral do Campus Natal. Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). Disponível em: <https://www.flickr.com/people/arquivocampusnatalcentral/>. Acesso em: 07/02/2021.

BORGES, M. E. L. Tradição e modernidade na mira dos fotógrafos. In: _____. **História & fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BRASIL, **Decreto nº 7.566**, de 23 de setembro de 1909. Cria nas capitais dos Estados da República Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-7566-23-setembro-1909-525411-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 07/02/2021.

BURKE, P. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CARVALHO, J. M. de. **A formação das almas**: o imaginário da República do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, M. M. C. **A escola e a República e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CHARTIER, R. **A História cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Alges, Portugal: Difusão Editorial, 2002.

FIGUEIREDO, M. M. **A nacionalização do Ginásio Teuto-Brasileiro Farroupilha**: um complexo jogo de adesões e resistências (1937-1945). Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2017.

GUASH, A. M. Doce Reglas para Una Nueva Academia: La Nueva Historia del Arte y los Estudios Audiovisuales. In: *Congreso Altos Estudios*. Escuela Internacional de Cine y TV, San Antonio de los Baños (Cuba), 2005.

HORTA, J. S. B. **O hino, o sermão e a ordem do dia**: regime autoritário e a educação no Brasil (1930-1945). Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

JURT, J. **O BRASIL**: um Estado-Nação a ser construído. O Papel dos Símbolos Nacionais, Do Império À República. *Mana*, v. 18, n. 3, 2012, p. 471-509. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/mana/v18n3/a03v18n3.pdf>. Acesso em: 05/03/2021.

LUSTOSA, W. E. A. M.; SILVA, N. M. G. S.; MEDEIROS NETO, O. M. Corpo, disciplina e poder na Escola Industrial de Natal (1942-1968). *Bagoas*, n. 19, p. 190-206, 2018.

MAGALHÃES, J. **Tecendo nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista: EDUSF, 2004.

OLIVEIRA, L. L. As Festas que a República Manda guardar. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, 1989, p. 172-189. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2283/1422>. Acesso em: 17/03/2021.

PESAVENTO, S. J. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008.

PORTAL da Memória. *Centenário do IFRN 1909 – 2009*. Disponível em: <https://centenario.ifrn.edu.br/cronologia>. Acesso em: 29/11/2020.

RIBEIRO, I.; SILVA, V. L. G. Das materialidades da escola: o uniforme escolar. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 38, n. 03, p. 575-588, jul./set. 2012.

SILVA, M. G. *Escola para os filhos dos outros: trajetória histórica da Escola Industrial de Natal (1942-1968)*. Tese (doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

SOUZA, R. F. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo: (1890-1910). São Paulo: Fundamentação Editora da Unesp, 1998.

STEPHANOU, M. BASTOS, M. H. C. História, memória e História da Educação. *In*: STEPHANOU, M; BASTOS, M. H. C. (Org.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. VIII – Século XX: Vozes, 2005. p. 416-429.

VIEIRA, C. S. Civismo, República e manuais escolares. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 32, nº 63, p. 325-340 – 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbh/v32n63/15.pdf>. Acesso em: 17/03/2021.